Achegas para a história de uma pioneira da electricidade: as C.R.G.E.

EMMANUEL MICHEZ

Eng.º electrotécnico

Antigo director técnico das C.R.G.E.

INTRODUÇÃO

As pessoas que têm uma vida curta, escapam totalmente à ideia, à necessidade de deixar vestígios da sua passagem na terra, mas para aquelas que têm uma vida mais longa aparece, mais tarde ou mais cedo, uma quase necessidade de deixar vestígios da sua acção.

Manifestou essa necessidade, o nosso colega e amigo, Eng.º Ilídio Mariz Simões, director da Central Térmica Tejo das CRGE e um dos especialistas portugueses em centrais térmicas.

Os artigos intitulados «Os Pioneiros da Electricidade» deram já a biografia d'alguns dos pioneiros portugueses em matéria de electricidade e a história da iluminação pública da cidade de Lisboa, desde os tempos mais remotos até aos nossos dias, permitindo percorrer no tempo a evolução da iluminação a azeite, petróleo, gás e electricidade.

Esta história facilitou a enumeração da vida das CRGE durante a sua infância de 1899 a 1914 e depois a sua adolescência de 1920 a 1939, como explicou o Eng.º Mariz Simões.

Para prolongar a história da vida das C. R. G. E., a sua maturidade até ao seu final, visto ter sido nacionalizada em 1975, o autor destas linhas, achou interessante fazer uma série de artigos descrevendo o início e a evolução da técnica de diversas partes do conjunto chamado «distribuição da electricidade».

Assim, serão expostas a influência do «contrato para o fornecimento de gás e energia eléctrica à cidade de Lisboa» feito em 1928 entre a CML e as CRGE influência esta que se manifestou, entre outros aspectos, na iluminação pública da cidade e arredores.

Outros capítulos tratarão da «Mudança da frequência de 42 para 50 períodos», feita no ano de 1935, da «Uniformização das tensões», executada de 1942 a 1962, das primeiras «Exposições de 1932 e 1940» do ponto de vista energia e iluminação.

A evolução dos diversos elementos das redes: tensões na Alta Tensão, postos de transformação, cabos e seus acessórios de ferro fundido e de betão, linhas aéreas, aparelhos de protecção de redes A. e B. T. farão objecto de diversos capítulos.

O início de uma escola profissional e de um despacho focarão um pouco a parte social da empresa.

Um capítulo será consagrado à Central Tejo, outro à evolução do «gás da cidade» e dos seus meios de produção.

Finalmente, a protecção contra a corrosão dos cabos enterrados e os meios modernos da supervisão dos estudos de redes e da sua exploração terminarão a série dos assuntos tratados.

CAPÍTULO I

O CONTRATO CML-CRGE

É interessante completar os antecedentes que levaram à conclusão do contrato CML-CRGE em 1928.

Das duas sociedades de gás que exploravam as redes de Lisboa, uma pertencia ao Banco Propper de Paris e a outra à Sociedade de Gás da Rua Marie de Bourgogne em Bruxelas.

Na altura da sua fusão, foi adoptado o nome de «Companhias Reunidas Gás e Electricidade»⁽¹⁾. Geralmente pensa-se que a palavra «Reunidas» se refere ao Gás e à Electricidade, mas não é esse o caso.

Em 1913, a C. M. L. manifestou o desejo de ter uma instalação de produção e distribuição de electricidade e para o efeito entendeu-se com o Dr. António Centeno, que pertencia ao Conselho de Administração, e que anteriormente tinha tido mais contacto com a Sociedade de Gás de Bruxelas.

Por outro lado, a Sociedade A. E. G. tinha em Lisboa uma filial dirigida por um engenheiro alemão, Augusto Cunze, que ao saber as intenções da C. M. L. entrou em comunicação com a sua casa mãe, a A. E. G. - BERLIM dirigida por Rathenau, personalidade bastante conhecida naquela época. Este, construtor de material eléctrico na Alemanha, não se interessava por uma concessão de serviço público no estrangeiro. Em virtude de ter estabelecido relações comerciais com a SOFINA

⁽¹⁾ Lêr *Electricidade* n.º 134 pp. 313

de Bruxelas, que no início do século foi promotora da criação de numerosas sociedades de serviços públicos (electricidade, gás, transportes em comum) no mundo inteiro: Rússia, Roménia, França, Itália, Espanha, Argentina, México, Turquia, Bélgica, etc..., foi aquela Sociedade que entrou em contacto com o Dr. António Centeno.

Em 1920, devido à grande desvalorização da moeda portuguesa, a produção de gás foi interrompida nas três fábricas de gás: Boa Vista, Belém e Setúbal. (antes da guerra 1914/18 havia uma fábrica de gás no Porto e outra em Coimbra).

De salientar também o facto do capital investido em Junho de 1920 nas instalações de electricidade ultrapassar o capital investido nas do gás.

As negociações para o novo contrato CML-CRGE começaram em 1922 e a fabricação do gás recomeçou no ano seguinte.

No exercício que findou em Junho de 1924, o custo das primeiras instalações de produção e de distribuição atinge 56 273 contos e uma parte é fixada em libras esterlinas devido à enorme flutuação de câmbios entre 4,50 e 157 escudos por libra. O primeiro estabelecimento das instalações de produção e de distribuição, no total de 247 100 000 libras é baseado num câmbio médio da época: 22\$50, incluindo largas amortizações industriais.

Nos vários exercícios que acabaram em 30 de Junho a parte em escudos representava os credores, devedores, contas-correntes, caixa, etc.

A preocupação do câmbio reflete-se no contrato de 1928 através da fixação do preço do metro cúbico de gás em cinco centavos-ouro para a iluminação e usos domésticos e quatro e meio centavos-ouro para usos industriais e para a parte de electricidade a cinco e meio centavos-ouro acrescidos de um factor dependente dos salários dos operários que trabalhavam na Central e de um outro factor função do preço de carvão e do frete Cardiff-Lisboa.

O período 1922-1928 que precede a assinatura do contrato fez objecto de uma referência do Conselho

Fiscal que se evoca: «o enorme reconhecimento que ele patenteia assim como os Accionistas ao Conselho de Administração e muito especialmente ao seu Presidente o Dr. Centeno pelo trabalho insano, a energia despendida em longas e laboriosas negociações, os desgostos e contrariedades sofridos, que só com grande zelo e dedicação puderam ser vencidas.»

O contrato de concessão às CRGE foi assinado em 14 de Maio de 1928, tendo sido outorgantes:

1 — pela CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA, na presença do seu então secretário-geral Joaquim Kopke o Coronel Eugénio Carlos Mardel Ferreira, vice-presidente da Comissão Administrativa da Câmara.

2 — pelas CRGE

o Dr. António Centeno, presidente do Conselho de Administração da Companhia e seu Administrador-Delegado, e Elio de Mello Rego, também Administrador-Delegado da Companhia.

O contrato CML/CRGE previa o desaparecimento da Fábrica de Gás em face da Torre de Belém, cuja instalação tinha sido autorizada no fim do século XIX, o prolongamento da Rua Vasco da Gama, paralela à Avenida 24 de Julho, o aproveitamento hidroeléctrico do rio Zêzere e a sua influência nas tarifas de electricidade.

Encontra-se já esboçada a previsão «de adoptar a um novo tipo de corrente (sem mencionar qual) as características existentes: corrente continua a três fios 220/240 Volt na zona central da cidade e alternada 110/190 Volt, 42 períodos por segundo, para zona excentrica.

No contrato a iluminação pública é tratada com grandes pormenores. ■

EMMANUEL MICHEZ

Não é possível fazer qualquer referência à evolução técnica das redes de distribuição das antigas Companhias Reunidas Gás e Electricidade sem recordarmos a acção persistente do Eng.º Emmanuel Michez que, durante quarenta e três anos de proficua vida profissional, ocupou ininterruptamente posições de destaque nos sectores técnicos da empresa.

A ELECTRICIDADE que tem pelo engenheiro Michez a maior consideração e se honra com a sua amizade de sempre, oferece aos seus leitores a colaboração do conhecido técnico e nosso velho amigo, na esperança de que, em sentido de recordações que nos referem o passado tecnológico de uma das maiores concessionárias portuguesas, os trabalhos de memória do presidente da Câmara de Comércio Belga sejam reveladores de uma evolução construtiva que pensamos exemplar.